

Projeto de ensino feminista e dialógico: fundamentos teóricos e pedagógicos

Feminist and dialogic education project: theoretical and pedagogical foundations

Proyecto de educación feminista y dialógica: fundamentos teóricos y pedagógicos

JULIANA CRISTINA PERLOTTI PIUNTI¹

INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO, IFSP, SERTÃOZINHO-SP, BRASIL

RESUMO

Este artigo apresenta os fundamentos teóricos e pedagógicos do projeto de ensino “Estudos feministas: relações entre classe, raça e gênero” que foi realizado com estudantes de ensino médio, no contexto do ensino remoto emergencial em razão da pandemia da COVID-19. Para isso, apresenta o referencial teórico do projeto, o livro “Feminismo para os 99%: um Manifesto”, das autoras Arruzza, Bhattacharya e Fraser que apontam os limites da compreensão hegemônica de feminismo sob o neoliberalismo. Discute a metodologia do projeto inspirada nas tertúlias dialógicas e na pedagogia libertadora de Freire e hooks. Para compreensão deste projeto recorreu-se à pesquisa qualitativa e documental e os dados foram interpretados à luz da análise temática. Aborda, por fim, em que sentido o projeto de ensino contribuiu para ampliar, entre educadora e educandas, a compreensão histórica e crítica do movimento feminista, suas diferentes manifestações, e a possibilidade de construção de movimentos coletivos e populares na busca pelo enfrentamento das múltiplas formas de opressão experienciadas por mulheres.

Palavras-chave: Ensino Médio. Projeto de Ensino. Feminismo. Pedagogia Libertadora.

ABSTRACT

This article presents the theoretical and pedagogical foundations of the teaching project “Feminist studies: relations between class, race and gender” that was carried out with high school students, in the context of emergency remote teaching due to the COVID-19 pandemic. To this end, it presents the theoretical framework of the project, the book *Feminism for the 99% a Manifesto*, by the authors Arruzza, Bhattacharya and Fraser who point out the limits of the hegemonic understanding of feminism under neoliberalism. Discuss the project methodology inspired by dialogical gatherings and the liberating pedagogy of Freire and hooks. To understand this project, qualitative and documentary research methods were employed, with data interpreted through thematic analysis. Finally, it addresses the sense in which the teaching project contributed to expanding, among educators and students, the historical and critical understanding of the feminist movement, its different manifestations, and the possibility of building collective and popular movements in the search for confronting the multiple forms of oppression experienced by women.

Keywords: High School. Teaching Project. Feminism. Liberating Pedagogy.

RESUMEN

Este artículo presenta los fundamentos teóricos y pedagógicos del proyecto docente “Estudios feministas: relaciones entre clase, raza y género” que se realizó con estudiantes de secundaria, en el contexto de emergencia de enseñanza remota por la pandemia del COVID-19. Para ello, presenta el marco teórico del proyecto, el libro *Feminismo para el 99% un Manifiesto*, de los autores Arruzza, Bhattacharya y Fraser que señalan los límites de la comprensión hegemónica del feminismo bajo el neoliberalismo. Analiza la metodología del proyecto inspirada en los encuentros dialógicos y la pedagogía liberadora de Freire y hooks. Para comprender este proyecto, se utilizó investigación cualitativa y documental, y los datos fueron interpretados a través del análisis temático. Finalmente, se aborda cómo el proyecto docente contribuyó a ampliar, entre educadores y estudiantes, la comprensión histórica y crítica del movimiento feminista, sus diferentes manifestaciones, y la posibilidad de construir movimientos colectivos y populares en la búsqueda del enfrentamiento a las múltiples formas de opresión experimentado por las mujeres.

Palabras clave: Secundaria. Proyecto Docente. Feminismo. Pedagogía Liberadora.

¹ Professora de Sociologia no IFSP Sertãozinho. Atualmente realiza pós-doutorado no Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra – Portugal. E-mail: julianapiunti@ifsp.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4595-5404>.

INTRODUÇÃO

Em treze de março de 2020 foi registrada a primeira morte por COVID-19 no Brasil: uma mulher de 57 anos que trabalhava como empregada doméstica em São Paulo². Este acontecimento material e simbólico indica como a desigualdade social se revelaria durante os anos em que a falta de políticas públicas adequadas e de celeridade na campanha de vacinação provocou cerca de 710 mil vítimas, entre 2020 e 2023³.

Segundo Madeira, Furtado e Dill (2021), a violência contra a mulher ocorre predominantemente no contexto familiar e doméstico. A pandemia de COVID-19 levou o Brasil a recomendar e, por vezes, impor o distanciamento social, com fechamento parcial de atividades econômicas, escolas e restrições de eventos e serviços públicos. Com isso, houve intensificação da presença das famílias na sua própria residência. No estudo em questão (Madeira; Furtado; Dill, 2021), os dados preliminares revelaram que a convivência mais intensa gerou aumento nos casos de violência doméstica, ao mesmo tempo que pode ter coibido acesso a redes e serviços públicos e causado privação de informação e ajuda.

Sou professora no ensino médio integrado do Instituto Federal de São Paulo, *Campus Sertãozinho*, desde 2014. Ministro a disciplina de sociologia e sempre busquei debater, no contexto escolar, os temas contemporâneos que podem ser interpretados a luz dos conceitos e categorias sociológicas. Diante da observação do aumento de casos da violência doméstica e da desigualdade social na pandemia, pensei: como, neste contexto, pautar um debate sobre feminismo na escola? Quais instrumentos de ensino podem viabilizar o acesso à teoria, a apropriação de conceitos, o diálogo e a troca de saberes da experiência entre educadora e estudantes, no contexto do ensino remoto?

A inquietação sobre a forma como as pautas feministas chegam às escolas de ensino médio onde atuei como docente, marcadas por discursos que se alinham à perspectiva neoliberal, como o predomínio da noção de empoderamento individual, me levou a fundamentar teoricamente e organizar metodologicamente um projeto de ensino alinhado a uma concepção de educação popular e crítica. O ano de 2021 estava marcado pela Pandemia da COVID-19 e o ensino remoto emergencial foi a alternativa encontrada pela instituição pública de educação básica onde atuo para manter uma relação mínima de ensino e aprendizagem entre estudantes e educadores.

Este artigo apresenta os fundamentos teóricos e pedagógicos do projeto de ensino “Estudos feministas: relações entre classe, raça e gênero” que foi realizado com estudantes de ensino médio, no contexto do ensino remoto emergencial em razão da pandemia da COVID-19, e discute os limites e possibilidades de uma prática pedagógica alinhada a concepção crítica e popular do feminismo e da educação.

Para tanto, o artigo apresenta, na primeira seção, elementos teóricos que fundamentaram a proposta de ensino e estão sintetizados no livro “Feminismo para os 99%: um Manifesto” (Arruzza; Bhattacharya; Fraser, 2019), e indica também críticas apontadas por outros estudos feministas sobre a obra. Na segunda seção, aborda a metodologia do projeto inspirada nas tertúlias dialógicas (Mello, 2003) e na concepção pedagógica freiriana (Freire, 2005; 2006) e de bell hooks (2017). Na terceira seção, analisa em que sentido o projeto de ensino contribuiu para ampliar, entre educadora e estudantes, a compreensão histórica e crítica do movimento feminista e suas diferentes manifestações, utilizando como dados os registros escritos pelas participantes e o relatório final do projeto. Nas considerações, é defendida a possibilidade de construção de movimentos coletivos e populares na busca por

² <https://tvbrasil.ebc.com.br/reporter-sao-paulo/2023/03/primeira-morte-por-covid-19-no-brasil-completa-tres-anos>.

³ Painel Interativo Coronavírus: https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html.

emancipação e erradicação das múltiplas formas de violência vividas por mulheres, e são sinalizados os limites do ensino remoto como instrumento de educação básica e popular.

UM MANIFESTO FEMINISTA COMO FUNDAMENTO PARA EDUCAÇÃO CRÍTICA E DIALÓGICA

Segundo Arruzza, Bhattacharya e Fraser (2019), o *feminismo para os 99%* é um feminismo anticapitalista inquieto que não se satisfaz com equivalência, até que tenhamos objetivamente igualdade. O uso metafórico do “99 %” indica o caráter popular desta proposta, ou seja, inclui toda a classe trabalhadora, não apenas as mulheres. Segundo as autoras não podemos nos satisfazer com direitos legais, até que tenhamos efetivamente justiça e não podemos nos satisfazer com o conceito liberal de democracia, até que a liberdade individual seja ajustada na base da liberdade para todas as pessoas. “Feminismo para os 99%: um Manifesto” (Arruzza; Bhattacharya; Fraser, 2019) é, portanto, uma “obra-convite” para reflexões radicais acerca do papel do feminismo contemporâneo nas lutas contra múltiplas desigualdades reproduzidas sob o capitalismo.

O livro foi publicado no contexto posterior à eleição de Donald Trump, nos Estados Unidos, e pretendia invocar as mulheres a se engajarem numa luta de resistência ao avanço das políticas neoliberais (Valmórbida, 2020). Uma das teses que defende é a insurgência grevista das mulheres no 8 de março - Dia Internacional das Mulheres - para revitalizar os ânimos para a atuação política. A obra recorre também a reiterados alertas para as mulheres de todo o mundo não se deixarem seduzir pelas proposições meritocráticas de um neoliberalismo progressista que se apropria mercadologicamente das pautas identitárias, de gênero, raça e orientação sexual, retirando o sentido político das lutas sociais. De orientação marxista, o Manifesto se alinha à tradição, todavia faz revisões. Assim, rejeita “[...] o reducionismo de classe de esquerda que entende a classe trabalhadora como uma abstração vazia, homogênea” (Arruzza; Bhattacharya; Fraser, 2019, p.123).

Há uma provocação central no Manifesto: o feminismo para os 99% não pode separar a questão de gênero de outros marcadores sociais. Logo, deve se associar a pautas antirracistas, anticapacitistas, ambientalistas, aos trabalhadores imigrantes, ser transinclusivo e anti-imperialista.

Segundo Valmórbida (2020), porém, esta obra assume diversas questões que têm sido apontadas há décadas por feministas negras e terceiro mundistas, sem que sejam, contudo, mencionadas de maneira explícita. É o caso do debate em Davis (2017), Collins (2019) e hooks (2018) sobre os diferentes significados do trabalho doméstico para mulheres brancas e mulheres afro-americanas e da defesa do potencial da articulação entre as categorias raça, classe e gênero na análise das opressões e na construção de alianças e lutas anticoloniais e anticapitalistas.

No entanto, Valmórbida (2020) entende que as autoras do Manifesto cumprem o papel teórico cujo ofício é apontar as contradições e estão cientes de que as práticas sociais se mantêm – ou se modificam – com a anuência e ação dos sujeitos nelas envolvidos. Assim, apesar dos limites apontados, o Manifesto avança ao apresentar as contradições e encoraja uma militância teórica e prática a explorá-las.

METODOLOGIA E RECURSOS PARA UMA PRÁXIS TRANSGRESSORA

Este artigo resultou de uma pesquisa qualitativa e documental que utilizou como materiais de investigação: (i) o projeto de ensino “Estudos feministas: relações entre classe, raça e gênero”, (ii) os registros escritos pelas participantes e (iii) o relatório final do projeto. Segundo Minayo (1994, p. 13), “[...] a provisoriedade, o dinamismo e a especificidade são características fundamentais de qualquer questão social”. Além dos investigadores, os seres humanos em geral dão significado e intencionalidade a suas ações, na medida em que as estruturas sociais nada mais são que ações objetivadas (Minayo, 1994). O trabalho da pesquisadora, também autora e realizadora do projeto neste caso, foi sistematizar a descrição dos fundamentos do projeto empreendido e analisar os significados que as participantes atribuíram a ele.

Para Gil (2017), embora historicamente a modalidade mais comum de documento em uma pesquisa qualitativa seja constituída por um texto escrito em papel, estão se tornando cada vez mais frequentes os documentos eletrônicos, disponíveis sob os mais diversos formatos. O conceito de documento, para ele, é bastante amplo, já que este pode ser constituído por qualquer objeto capaz de comprovar algum fato ou acontecimento. Nesta pesquisa consideramos o projeto de ensino institucionalizado, bem como os registros das estudantes e o relatório final elaborado pela docente como documentos analisados numa perspectiva qualitativa.

No livro “Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade”, bell hooks (2017) resgata memórias de seu processo de escolarização, revelando situações de racismo e outras formas de opressão que, segundo ela, se configuram como práticas de educação bancária. hooks dialoga com Paulo Freire nesta obra. O livro também apresenta suas experiências como professora que, ao ensinar a transgredir, elabora uma teoria da educação como prática da liberdade, posicionando-se política e pedagogicamente contra todas as formas de dominação e violações que tradicionalmente ocorrem em modelos de educação autoritários e excludentes. Ela parte da sua experiência e condição de mulher negra nos Estados Unidos e afirma que suas práticas pedagógicas nasceram da interação entre as pedagogias anticolonialista, crítica e feminista, cada uma iluminando a outra.

Segundo hooks (2017) o entusiasmo pelas ideias não é suficiente para criar um processo de aprendizado empolgante.

Na comunidade da sala de aula, nossa capacidade de gerar entusiasmo é profundamente afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros. Visto que a grande maioria aprende por meio de práticas educacionais tradicionais e conservadoras e só se interessa pela presença do professor, qualquer pedagogia radical precisa insistir em que a presença de todos seja reconhecida. E não basta simplesmente afirmar essa insistência. É preciso demonstrá-la por meio de práticas pedagógicas. Para começar, o professor precisa valorizar de verdade a presença de cada um. Precisa reconhecer permanentemente que todos influenciam a dinâmica da sala de aula, que todos contribuem. Essas contribuições são recursos. Usadas de modo construtivo, elas promovem a capacidade de qualquer turma de criar uma comunidade aberta de aprendizado. Muitas vezes, antes de o processo começar, é preciso desconstruir um pouco a noção tradicional de que o professor é o único responsável pela dinâmica da sala (hooks, 2017, p. 17-18).

Este pensamento me fez refletir. Seria possível em um contexto pandêmico, elaborar uma comunidade de aprendizado para se ensinar e aprender sobre feminismo e violências?

Desde que conheci a “Tertúlia Literária Dialógica” (Mello, 2003) em um processo formativo como pesquisadora de educação popular, fiquei provocada a trabalhar esta proposta com meus estudantes de ensino médio. O contexto da pandemia e ensino remoto emergencial foi o momento para experimentar esta prática pedagógica. Segundo Mello (2003), a tertúlia literária dialógica é uma atividade cultural e educativa desenvolvida a partir da leitura de livros da literatura clássica universal. A atividade centraliza o diálogo como gerador de aprendizagem e “[...] não apresenta nenhum obstáculo social ou cultural para a participação: é uma atividade gratuita, aberta a todas as pessoas, de diferentes coletivos sociais e culturais, inclusive às pessoas que recém aprenderam a ler” (Mello, 2003, p. 450).

Com origem na escola de educação de pessoas adultas de La Verneda de Sant-Martí (Espanha), o objetivo principal da tertúlia literária dialógica é tomar a leitura como território de união de diferentes conhecimentos por meio de um percurso construído entre homens e mulheres de diferentes idades, formação, procedência e etnias (Mello, 2003). Na tertúlia literária dialógica não se discute precisamente o que a autoria evoca em seu texto, mas, pretende-se “[...] promover uma reflexão e um diálogo a partir das diferentes e possíveis interpretações que derivam de um mesmo texto” (p. 450).

Embora o livro “Feminismo para os 99%: um Manifesto” não seja uma obra literária, sua leitura me provocou o ensejo de partilhar a síntese que propõe: uma compreensão radical do feminismo alinhado aos interesses das classes populares e um alerta para os riscos da afinidade entre o discurso do feminismo liberal e o projeto neoliberal de sociedade. Ora, para promover um debate científico sobre os movimentos feministas a partir de um livro, a tertúlia dialógica (retiro propositalmente a expressão literária, pois entendo que o livro partilhado é um manifesto e não uma obra de literatura) seria uma prática educativa sistematizada e coerente com o objetivo do projeto de ensino e com seus fundamentos teóricos. Afinal, era intenção política e pedagógica coletivizar experiências da condição de gênero, étnico racial e de classe em encontros dialógicos mobilizados por um manifesto. Como afirmou Freire (2006):

Há um século e meio Marx e Engels gritavam em favor da união das classes trabalhadoras do mundo contra sua espoliação. Agora, necessária e urgente se fazem a união e a rebelião das gentes contra a ameaça que nos atinge, a da negação de nós mesmos como seres humanos submetidos à “fereza” da ética do mercado (Freire, 2006, p. 128).

Um projeto de ensino alinhado a este projeto de sociedade que se contrapõe à “fereza” do mercado, do neoliberalismo e das múltiplas opressões que recaem sobre os 99% da população, ou seja, um projeto de educação a favor das classes populares, particularmente de mulheres das classes populares, ancora-se em saberes que Freire (2006) sintetiza em sua Pedagogia da Autonomia, entre outros: ensinar exige tomada consciente de decisões, ensinar exige saber escutar, reconhecer que a educação é ideológica, disponibilidade para o diálogo, querer bem aos alunos. Uma pergunta que está sempre presente nas escolhas que faço como professora é: quais saberes fundamentam minha prática educativa? De alguma forma, este texto traz respostas a esta pergunta.

O projeto de ensino “Estudos feministas: relações entre classe, raça e gênero”, analisado neste artigo, se estruturou em oito encontros síncronos quinzenais por meio de uma plataforma de ensino virtual⁴, que permitia encontros síncronos e disponibilização de material

⁴ Esta plataforma de ensino virtual privada foi utilizada pela Instituição de Educação Pública onde ocorreu o projeto, durante o período de ensino remoto emergencial, para realização das atividades escolares, desde as aulas

como partes do livro e outros textos complementares. Teve início em 05 de março de 2021 e finalizou em 18 de junho de 2021. As/os estudantes do ensino médio da escola foram convidados por e-mail e mensagem virtual por aplicativo de comunicação instantânea. Houve 20 inscritos. Destes, 8 frequentaram e finalizaram o projeto. O projeto era realizado de manhã, no contrarturno das aulas das disciplinas obrigatórias.

No primeiro encontro foi apresentada a metodologia, socializadas as partes do livro reproduzidas em formato virtual e organizado o calendário. Além da mediação e exposições dialogadas da professora/coordenadora do projeto, em cada encontro duas estudantes ficavam responsáveis por uma breve apresentação da parte do livro que estava sob a responsabilidade da dupla. Após estas breves apresentações, cada participante falava sobre a própria experiência da leitura, suas impressões e reflexões. Não havia obrigatoriedade, mas em duas horas de atividade, todas acabavam por participar do diálogo, por áudio ou mensagem escrita no chat.

A avaliação final do projeto consistiu na criação de um mural virtual⁵ com relatos sobre o que as participantes aprenderam. No dia da avaliação final do projeto estavam seis estudantes do gênero feminino⁶. Em forma de poesia e de prosa evidenciaram a importância do projeto de leitura dialogada para a apropriação de conceitos e categorias e ampliação do debate teórico, além da socialização de experiências pessoais e coletivas sobre ser mulher e sobre o feminismo.

Para interpretação dos registros das estudantes recorreu-se metodologicamente à análise de conteúdo. Este tipo de análise, segundo Minayo (2004), é uma técnica de pesquisa que envolve a interpretação sistemática de materiais textuais, como entrevistas, documentos, artigos, entre outros. Ela é utilizada para identificar padrões, temas recorrentes e significados subjacentes ao conteúdo analisado. No caso deste estudo, inspirado na análise temática (Minayo, 2004), buscou-se a frequência de conceitos e palavras concentrando-se em um tema definido *a priori*. O objetivo foi compreender o sentido que a prática pedagógica teve para as aprendizagens das estudantes. Para esta análise busquei responder à questão: quais as percepções das estudantes sobre o livro estudado e as discussões estabelecidas sobre o tema “Estudos feministas: relações entre classe, raça e gênero”? Na próxima seção analiso os registros escritos pelas participantes e o relatório final do projeto.

“POR PÃO E FLORES, TANTAS LUTAS”: LEITURA, DIÁLOGO E PARTILHAS DE SABERES DA EXPERIÊNCIA

O projeto de ensino “Estudos feministas: relações entre classe, raça e gênero” foi, sobretudo, uma prática pedagógica desenvolvida a partir de leitura, diálogo e partilhas de saberes da experiência das mulheres participantes. Uma confirmação de que o/a educador/a, ao se abrir para uma pedagogia libertadora, ao ensinar aprende e ao aprender ensina, como afirmava Freire (2006).

Os relatos de experiências pessoais e coletivas permitiram aprofundar a relação entre os conceitos e categorias apropriados por meio da leitura do livro “Feminismo para os 99%:

das respectivas disciplinas do currículo do ensino médio até as reuniões entre servidores, gestão escolar e reuniões de pais e mães.

⁵ Foi utilizada a ferramenta virtual *Padlet*, adquirida de forma privada pela pesquisadora, que permite criar quadros virtuais para organizar estudos e projetos. O recurso possui diversos modelos de quadros para criar textos, colar imagens e fotos, que podem ser compartilhados com outros usuários e que facilita visualizar as tarefas em grupos.

⁶ Optou-se por manter em sigilo o nome das participantes, como forma de preservar suas identidades.

um Manifesto” e os cotidianos das estudantes e da professora coordenadora do projeto. Os relatos das estudantes indicaram que os encontros virtuais e leituras contribuíram para ampliar os olhares para compreensão histórica e crítica do movimento feminista, pois permitiu compreender suas diferentes correntes. No mural virtual construído pelas participantes destacam-se estes relatos em forma de poesia e prosa:

LIVRE

No chão repouso
Antigas correntes,
Livrei-me, livro
Teu corpo dos tiranos.
A liberdade tingem nossos lábios de vermelho;
Somos livres para amar.
Os dias escrevem
O que nos foi negado.
O pecado da submissão está morto;
Nossa resistência é arte,
Que clama por liberdade.
Deixamos no espelho o beijo de despedida,
A vaidade agora é essa
Somos mulheres
Livres por natureza (Participante 1).

Para sobreviver, alimentar, criar
A busca por existir
Resistindo a cada instante
Sob tantas violências
Ainda vivem, sonham, abraçam
Diferentes, desiguais, todas
Mulheres
De todos os povos, brancas, pretas, amarelas
Hetero, cis, trans, lésbicas, bi, tantas inteiras
Diversas, plurais
Trabalham
Insistem na libertação, de todas as formas de opressão
Na busca por sua condição humana: ser mais
Por pão e flores: tantas lutas
(Participante 2).

Aprendizado. Nunca pensei que no final desse curso teria aprendido tantas coisas, ele me fez enxergar o feminismo de uma forma totalmente nova. Aprendi que ele não é uma luta somente pelas mulheres, mas sim por todos os trabalhadores. Durante esse período conversar com todas vocês, conhecer seus anseios e suas visões sobre o feminismo no mundo, e principalmente, no Brasil foi mágico. Espero sinceramente que esses debates e conversas tão necessárias continuem (Participante 3).

Aprendi muito com todas vocês, com os diferentes relatos e com as interpretações do Manifesto Feminismo para os 99% (Participante 4).

Ficou ecoando... o peso da desigualdade estrutural e todas as violências que ela revela
(Participante 5).

Foi necessário de forma que eu nem imaginava, desconstruir construindo é um privilégio gigante. Muito grata ao que posso levar comigo para ajudar fazer um futuro menos massacrante que o passado, mais leve, e sempre olhando para o máximo de pessoas possível, ouvindo-as e entendendo-as. Por muitas vezes deixamos nossos privilégios ofuscarem o que muitos passam, que saibamos nos dispor a reconhecer e nos movermos por todos <3 (Participante 6).

Além destes registros que constituíram parte da avaliação continuada e formativa do projeto, como coordenadora pude acompanhar o desenvolvimento das participantes que demonstraram a apropriação de conceitos e suas próprias perspectivas e impressões do livro, resgatando experiências pessoais como mulheres jovens de classes populares que viveram experiências de racismo, misoginia, violência doméstica, desemprego dos familiares e ausência de perspectiva de futuro. Para além destas denúncias em suas falas, houve afirmação de discursos esperançosos com a possibilidade de engajarem-se em movimentos sociais para denúncias de violações dos direitos humanos e criação de sentido para a transformação social, especialmente com as mudanças que enxergam na abertura de horizontes para a atuação de mulheres estudantes.

Os conceitos de classe, raça e gênero foram apresentados a partir de exposição da professora/coordenadora do projeto, pois esta é responsabilidade do/a educador/a. A sociologia, os conceitos científicos, especificamente, não são descartados em uma prática pedagógica dialógica. Pelo contrário, o acesso aos conteúdos sistematizados nos permite ampliar e enriquecer a interpretação de experiências. Os relatos das estudantes traziam as marcas de ser mulher em famílias de classes populares, dos efeitos do racismo na escola e das inúmeras manifestações de assédio sexual e moral. Neste sentido, o encontro entre os saberes da experiência e os conteúdos científicos, ampliaram repertórios para a leitura de mundo.

O projeto certificou 8 estudantes no contexto da pandemia da COVID-19 e do isolamento social obrigatório e demonstrou a viabilidade do uso criativo de ferramentas virtuais como práticas sociais de ensino e aprendizagem. No entanto, o grupo de participantes era pequeno, se comparado ao número habitual de estudantes por sala na instituição onde trabalho: 40 estudantes de ensino médio. Esta observação não é uma defesa do ensino a distância na educação básica, ela apenas indica que a tecnologia pode estar a serviço de uma prática educativa libertadora e crítica.

A pesquisa de iniciação científica “Impactos da pandemia e do ensino remoto emergencial na trajetória de estudantes do ensino médio integrado”⁷ realizada no ensino médio integrado em um campus do Instituto Federal de São Paulo, que buscou conhecer os impactos da pandemia da COVID-19 e do ensino remoto emergencial na trajetória de estudantes mostrou que: desemprego entre os familiares, redução do consumo causada pela carestia, necessidade dos jovens de ingressar no mercado de trabalho de forma precária para compor a renda familiar, ampliação das tarefas de cuidados domésticos, adoecimento de familiares, mortes de familiares, adoecimento mental como ansiedade e depressão estão entre os fatos que os estudantes sinalizaram como marcas da pandemia. Os relatos dos estudantes participantes do estudo em questão também evidenciaram os limites e fracasso da Educação a Distância, mesmo que no caráter emergencial. Considerando o contexto de crise econômica que se acentua, ampliando as desigualdades sociais, apontamos que sob a égide do capitalismo e da estratificação social, o ensino remoto não garantiu e não pode garantir o direito social à educação pública, gratuita e de qualidade socialmente referenciada.

⁷ PIUNTI, J. C. P; SANTOS, A. de P. **Impactos da pandemia e do ensino remoto emergencial na trajetória de estudantes do ensino médio integrado**. No prelo.

Porém, apesar dos limites do ensino remoto e do pequeno número de participantes, afirma-se o potencial do diálogo, da leitura e da apropriação de conceitos sociológicos para interpretação da realidade social de mulheres trabalhadoras no Brasil, atravessada pela diversidade: geográfica, racial, de identidade de gênero e orientação sexual. Os relatos indicam como a educação sensibiliza e instrumentaliza seres humanos para a emancipação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como ensina bel hooks (2018) o feminismo é capaz de criar políticas transformadoras. Para hooks (2017), uma pedagogia engajada baseada em uma teoria como prática libertadora, pode promover a construção de uma comunidade pedagógica e uma revolução de valores, e nos alerta:

Não podemos nos desencorajar facilmente. Não podemos nos desesperar diante dos conflitos. Temos de afirmar nossa solidariedade por meio da crença num espírito de abertura intelectual que celebre a diversidade, acolha a divergência e se regozije com a dedicação coletiva à verdade (hooks, 2017, p. 50).

Neste sentido, também ensina o patrono da educação brasileira, Paulo Freire:

[...] o utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão a utopia é também um compromisso histórico (Freire, 2008, p. 32).

Por isso, enquanto educadoras e educadores que se posicionam diante das tragédias anunciadas é preciso seguir teorizando e agindo, a partir do diálogo, em uma “unidade na diversidade” (Braga; Mello; Bacheга, 2021) indissociável e inegociável que a práxis transformadora significa, pois objetivamente é preciso criar, a partir da confiança nas classes populares, “[...] um mundo em que seja menos difícil amar” (Freire, 2005, p. 213).

O registro e socialização dos fundamentos teóricos e metodológicos de um projeto de ensino é uma forma de contribuir com a epistemologia da educação crítica e emancipadora. Em licenciaturas e cursos de formação de professores onde tenho trabalhado com Sociologia da Educação e Fundamentos Epistemológicos da Formação de Professores, é constante o questionamento das/dos educandas/os e educadoras/es em formação sobre as possibilidades de uma práxis transformadora. Neste sentido, a literatura no campo da educação e ensino é útil ao passo em que permite a divulgação científica de práticas pedagógicas que transformam entre os educandos e educandas suas concepções de sociedade, de indivíduos e realidade e alicerçam a organização de movimentos sociais e práticas coletivas engajadas na busca por direitos sociais e combate às violações e opressões.

Ao acompanhar a trajetória de algumas das estudantes nos anos posteriores ao projeto, foi notável que ele mobilizou a fundamentação e organização de movimentos coletivos por direitos das mulheres trabalhadoras. Uma das estudantes que participou do curso analisado neste artigo tornou-se membro de um Comitê para Promoção dos Direitos Humanos, Igualdade Étnico-racial e de Gênero da instituição onde realiza o ensino médio, e com outras

estudantes atualmente realiza o Curso de Formação das Promotoras Legais Populares⁸ no município onde estudam e residem. É tarefa quase impossível avaliar todos os impactos pessoais e sociais que uma prática de ensino pode gerar. Contudo, este caso identificado e acompanhado é valioso para reafirmar as possibilidades da leitura, do diálogo, da partilha de saberes da experiência e da apropriação de conceitos como partes de uma educação emancipadora. Como ensina Freire (2006), é a unidade indissociável entre teoria e prática, é práxis.

Davis (2017) tem nos alertado sobre o conceito de empoderamento ser apropriado e esvaziado pelos discursos neoliberais e individualizantes. Como ela, entendemos que empoderamento deve ser um processo de avanço coletivo, para ampliação e fortalecimento de vida digna para todas as pessoas, especialmente aquelas que oprimidas não possuem seus direitos sociais consolidados. Uma educação popular e feminista, portanto, articula-se ao sentido coletivo e libertador das práticas sociais.

REFERÊNCIAS

- ARRUZZA, C. BHATTACHARYA, T. FRASER, N. **Feminismo para os 99%**: um Manifesto. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.
- BRAGA, F; MELLO, R. R.; BACHEGA, D. A unidade na diversidade em Paulo Freire: avanços para a transformação educacional. **Práxis Educativa**, v. 16, p. 1-21, 2021. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16597>. Acesso em: 26 abr. 2023.
- COLLINS, P. H. **Pensamento Feminista Negro**. Tradução de Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.
- DAVIS, A. **Mulheres, cultura e política**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo, 2017.
- HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.
- HOOKS, B. **O Feminismo é para todo mundo**. Tradução de Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 40. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- FREIRE, P. **Conscientização**: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2008.
- MADEIRA, L. M.; FURTADO, B. A.; DILL, A. R. VIDA: A Simulation Model of Domestic Violence in Times of Social Distancing. **Jasss-the Journal of Artificial Societies and Social simulation**, v. 24, p. 1-10, 2021.

⁸ “O Projeto de Promotoras Legais Populares foi introduzido em São Paulo no ano de 1994 com o objetivo de capacitar mulheres para o acesso à justiça e ao reconhecimento dos direitos humanos, transformar as mentalidades das mulheres e de pessoas profissionais, operadoras do direito ou com funções correlatas, para que passassem a lidar com as questões de gênero com equidade e respeito às diferenças, promovendo, assim, os direitos humanos das mulheres” (Teles, 2007, p. 125).

MELLO, R. R. de. Tertúlia literária dialógica: espaço de aprendizagem dialógica. **Contrapontos**, v. 3, n. 3, p. 449-457, 2003.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

TELES, M. A. de A. Promotoras Legais Populares. Direitos: um projeto com classe, raça e gênero. **Mandrágora**, v. 13, n. 13, p. 125-134, 2007. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/view/5561/4547>. Acesso em: 08 abr. 2023.

VALMÓRBIDA, J. O. Feminismo para os 99%: um debate. **Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade**, v. 25, n. 1, p. 257-264, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/170235>. Acesso em: 19 jan. 2024.

Recebido em: 07 fev. 2024.

Aprovado em: 26 abr. 2024.